



CRIOPTOCOCOSE EM POMBOS DOMÉSTICOS E IMPACTOS NA SAÚDE PÚBLICA

V CISP VET - Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 5ª edição, de 11/09/2023 a 13/09/2023

ISBN dos Anais: 978-65-5465-058-8

DOI: 10.54265/ARNF5441

COELHO; Isabelle Passos ¹, OLIVEIRA; Glenda Ribeiro de ²

RESUMO

A criptococose é uma micose sistêmica provocada, principalmente, por *Cryptococcus neoformans*, fungo leveduriforme cujos principais hospedeiros relacionados têm sido os pombos domésticos (*Columba livia*), os quais não manifestam sinais clínicos aparentes. Com o presente trabalho, objetivou-se reunir informações sobre a criptococose e seus impactos na saúde pública mediante a crescente preocupação com a proliferação de pombos (*Columba livia*) em meio urbano. As plataformas Google Acadêmico e SciELO foram utilizadas para a realização da pesquisa de artigos científicos com os termos-chave “criptococose” e “pombos”. A criptococose pode ser provocada tanto pelo agente etiológico *Cryptococcus gattii* (sorotipos B e C), quanto pelo *Cryptococcus neoformans* (sorotipos A e D). O primeiro apresenta maior prevalência em meio rural e está relacionado com o desenvolvimento da doença em indivíduos imunocompetentes, enquanto o segundo caracteriza-se por ser cosmopolita e ocasionar a doença em indivíduos imunodeprimidos, estando presente frequentemente nas fezes de aves, com destaque para as fezes de pombos domésticos. Estima-se que esta espécie foi introduzida no Brasil durante o século XVI com a chegada da família portuguesa ao país. Essas aves apresentam elevada facilidade de adaptação nas cidades, devido a uma oferta abundante de abrigos, ausência de predadores naturais e grande quantidade de alimento disponível. O ecossistema urbano tem proporcionado condições propícias para a permanência destas aves, com acúmulo de excretas que, por sua vez, é considerada a principal fonte de infecção tanto para humanos quanto para animais. Portanto, diante de inadequadas políticas de coleta, destinação e tratamento de lixo produzido, pode-se agravar ainda mais o estado de acentuada proliferação da espécie nesses locais. Dessa forma, esses animais podem ser utilizados como bioindicadores de qualidade negativa dos ambientes, podendo ser considerados como um problema ambiental e de saúde pública. Tendo em vista que a criptococose provocada por *Cryptococcus neoformans* é uma infecção oportunista de

¹ Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Juiz de Fora, passosbelos@gmail.com

² Docente do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Juiz de Fora, glenda.oliveira@ufff.br

considerável morbidade e mortalidade em indivíduos imunodeprimidos, sua importância não deve ser subestimada. Tanto em humanos quanto em animais domésticos e silvestres, há tropismo neurológico, podendo ocorrer, nos seres humanos, o desenvolvimento de uma meningoencefalite grave e criptococomas (múltiplos nódulos) cerebrais, precedidos da disseminação hematogênica e linfática do patógeno inalado e de sua acomodação no sistema nervoso central (SNC), apresentando, ainda, comprometimento pulmonar aliado à insuficiência respiratória. Em relação à vigilância epidemiológica, as micoses endêmicas não são de notificação compulsória no Brasil, por conseguinte, não fazem parte da vigilância epidemiológica de rotina, com exceção dos estados brasileiros que instituíram essa notificação pela gestão local. Devido a isso, não há dados epidemiológicos significativos sobre a ocorrência, a magnitude e a transcendência dessas doenças em nível nacional. Assim, conclui-se que mais estudos são necessários para fins de mapeamento situacional e compreensão do quadro epidemiológico atual da criptococose no país, em termos de incidência, prevalência, magnitude e transcendência, bem como de implicações na saúde pública, visando diminuir o acometimento de seres humanos e animais e, ainda, prevenir outras zoonoses de importância na saúde pública transmitidas pela espécie em questão. Eixo temático: Saúde Pública Veterinária. Resumo sem apresentação.

PALAVRAS-CHAVE: criptococose, pombos, saúde pública, zoonose

¹ Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Juiz de Fora, passosbelos@gmail.com

² Docente do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Juiz de Fora, glenda.oliveira@ufff.br